



Desbravando o alheio: o correspondente internacional como tradutor de cultura¹

Iago de Vargas MIRANDA²
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

RESUMO

Este artigo busca compreender a posição estratégica de correspondente internacional como repórter que traduz sociedade e cultura. As bases teóricas utilizadas para entender o funcionamento desta “cultura da tribo” foram pesquisadores e jornalistas do ramo. Foram selecionados dois exemplos para estudo de caso nos quais se pode observar a construção de discursos narrativos enquanto promotores de relações de alteridade. Neles, a referência ao alheio contribui à identificação do outro e de si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: correspondente internacional; jornalismo; tradutor; cultura; discurso.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como questão principal a prática dos correspondentes enquanto potenciais tradutores de cultura. O objetivo aqui ressaltado é encontrar bases que permitam explicar este fenômeno em que o jornalista, decodificando elementos da sociedade alheia, transforma-os em mensagem “legível”, traduzida para o receptor, muitas vezes desconectado com essa realidade.

O jornalismo, enquanto produto e promotor social, passa por um momento de incertezas neste contexto de predomínio das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC's), no interior da nomeada sociedade do conhecimento. É possível entrever como a prática desta profissão desenvolveu-se em matéria de apuração dos dados, de relação com fontes, de distribuição e consumo do que é produzido. Não seria exagero mencionar uma *nova economia* do setor, em meio a qual surgem novas possibilidades para o ramo, como modelos de financiamento distintos e participação do público na produção da notícia. Nesta ambiência reconfigurada, o correspondente segue seu trabalho buscando se adequar às necessidades e exigências de um mercado cada vez mais competitivo. Sua tarefa de apurar, contrastar e veicular informações, contudo,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

² Estudante de graduação 6º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV. E-mail: iago.miranda@ufv.br. A orientação para este trabalho foi exercida pelo professor Henrique Mazetti, por ocasião da disciplina “Mídia, Identidade e Representações Coletivas”, ministrada no primeiro semestre de 2012.

continua ligada à lógica do servir bem ao público e atender aos mandos editoriais pré-concebidos.

Neste sentido, inicialmente, faremos um acercamento à definição de correspondente, suas especificidades e relação com a tradução de cultura. Num segundo momento, faz-se importante discorrer a respeito da identidade enquanto construção narrativa baseada na diferenciação e na exclusão. Também será foco de análise o caráter “turvo” do processo de apreensão do manancial simbólico difundido pela mídia, ora de maneira a alimentar o projeto reflexivo do *self* (THOMPSON, 2002), ora a acontecer de maneira passiva e distante da autonomia do sujeito (FOUCAULT, 1995) tornando-se imposição. Considera-se que o jornalismo opera e promove narrativas e discursos em relação ao *outro* (WOODWARD, 2000), em um processo de diferenciação e exclusão manifesto em suas notícias e reportagens.

1. Direto da “Cultura da Tribo”, ao vivo repórter-tradutor

O correspondente internacional pode ser classificado como o repórter que vai morar numa terra estrangeira e, tendo aprendido a língua, compreende também os costumes e peculiaridades locais, com os quais passa a informar a telespectadores, leitores ou ouvintes sobre aquela realidade distante. A partir de proposições conceituais e relatos de prática jornalística pelos próprios profissionais do ramo, sustentamos neste artigo a ideia de que esses correspondentes são verdadeiros tradutores da sociedade e de cultura e que atuam como “cabo de força” entre realidades geográfica e simbolicamente separadas, aproximando-as. Para entender a fundo a especificidade deste jornalista é preciso tomar nota do que pensam, como trabalham, suas vicissitudes e pormenores no fazer diário da carreira.

O verbete de que falamos, no *Dicionário de Comunicação* (BARBOSA & RABACA, 2005), apresenta-se da seguinte forma: “repórter encarregado de fazer a cobertura de determinada cidade ou região, dentro ou fora do país, e de enviar regularmente notícias e artigos para a empresa jornalística [...] que representa” (p. 50). Temos assim que o profissional que exerce essa função comporta determinadas características, como estar à disposição de um veículo de comunicação; produzir conteúdo jornalístico e estar distanciado da sede da empresa. Outras definições acrescentam ou subtraem elementos, ainda que girem em torno do mesmo eixo de abordagem.



É o caso de Silva (2012) que segue linha de pensamento parecida, ao passo que se diferencia ao sublinhar a remuneração e a função específica de reportar de fora do país para audiência conterrânea. Parece claro que ao tratar de uma profissão marcada por diferentes jogos de tensão corporativa e conflitos permanentes, outros aspectos relacionados flutuam e precisam ser distinguidos. É o que Silva faz ao apresentar a ideia de “cultura da tribo” para enfatizar o conjunto relativamente peculiar de códigos compartilhados e noções intrínsecas a esse trabalho. Para ele, “há ‘um estado de mente’ que uma pessoa deve ter para se propor a exercer essa ocupação e que mais ou menos orienta seu processo de tomada de decisões enquanto ele está em atividade” (p. 78). Em outras palavras, é como se houvesse padrões de relativa coesão, derivados de um senso de troca de experiências, valores e tipos comuns. O próprio trata de citar alguns deles: camaradagem e competição; possuir boas redes de contatos; presença de espírito; gostar de viajar e escrever; fluência em ao menos um idioma além do nativo.

O correspondente costuma estar afeito às complexidades político-econômicas e à magnitude contextual dos conflitos mundiais. Vale lembrar que falamos objetivamente de um jornalista antes de tudo e, portanto, de um profissional que comunga determinados traços de personalidade comuns aos sujeitos da área, como capacidade de organizar o pensamento com lógica, curiosidade, gosto pela leitura, disposição para trabalhar em condições adversas e adaptabilidade a situações novas.

Eu acho que nós temos uma extrema responsabilidade como jornalistas numa zona de conflito, porque nossa câmeras [...] são armas. São armas, às vezes, mais letais que um tanque ou avião R-15, porque podemos seguir até vidas de pessoas. Nós estamos no meio de uma guerra midiática em que todas as partes tentam ganhar, paralelamente à guerra política, econômica e militar.³

O depoimento do correspondente português Henrique Cymerman, veterano jornalista que cobriu conflitos no Oriente Médio durante anos, reflete esse componente ético da profissão. Sua fala foi ao junto a de outros companheiros de trabalho como Jens Glüsing (periódico alemão *Der Spiegel*) Sandra Passarinho (ex-*Rede Globo*) e Juan Arías (*El País*) na série “Club dos Correspondentes”, rodada em 2012 pela Globo News em quatro episódios.

Com efeito, o jornalismo internacional possui uma gama realmente considerável de elementos a levar-se em conta durante o processo que culmina com a publicação ou veiculação da notícia. Nenhuma outra editoria precisa utilizar critérios tão refinados e

³ *Correspondentes internacionais falam da sua rotina no trabalho*. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/clube-dos-correspondentes/videos/t/videos/v/correspondentes-internacionais-falam-da-sua-rotina-no-trabalho/2065616/> Consultado em 03 de abril de 2013.

qualificados de seleção (NATALI, 2004). O público-alvo desta área do noticiário costuma ser pessoas com nível de erudição mais elevado e com acesso a outras fontes de informação e checagem.

O jornalista correspondente, neste contexto, busca se equilibrar para não cair em possíveis erros – como pensar como nativo do país em que está cobrindo, não interpretando e decodificando com a mesma perspicácia à realidade de seu país de origem – e, ao mesmo tempo, servir de tradutor de cultura alheia para a audiência.

Olha, quando você aceita o cargo de correspondente internacional você tem de ter em mente que você vai ter que traduzir para o seu país, né, para o Brasil, as realidade que você vê lá fora... Que muitas vezes podem não fazer sentido, porque nem todo mundo conhece o histórico dos outros países, então você acaba sendo assim um tradutor do mundo fora para o seu país.⁴

Argúcia de produzir em perspectiva histórica para, assim, melhor traduzir a cultura distante é um traço importante citado pelo jornalista e ex-correspondente em Londres, Marcelo Torres. Nesse ambiente que passa por sucessivos abalos devido a crises de ordem econômica em face a modelos falidos de financiamento, o correspondente continua sendo importante à medida em que produz e é treinado sob mecanismos próprios de apuração e interpretação dos fatos. O jornalista possui um cabedal de conhecimentos, técnicas e referências peculiares (SILVA, 2012). Nesse sentido, continua-se outorgando o direito implícito deste profissional produzir narrativas e discursos, muitas vezes sobre uma identidade distante, alheia ao saber cotidiano de seu conterrâneo.

2. Processo turvo: a construção da identidade alheia no jornalismo

O estudo da questão da identidade desenvolveu-se com mais vigor nos últimos anos no campo dos chamados “Estudos Culturais” que entreveem, entre outras análises, espaços de discurso instaurados nos quais há intenso negociar de relações de poder e tensões conflitivas. Para um de seus porta-vozes, Stuart Hall, as identidades modernas estão sendo “descentradas” ou, em outras palavras, deslocadas, fragmentadas no contexto da modernidade tardia. O autor pressupõe a existência de uma crise que recai sobre as velhas identidades que até então estabilizavam o mundo. A partir de revisão bibliográfica de autores de áreas distintas – como Giddens, Laclau e Harvey – ele

⁴ Entrevista com Marcelo Torres – Semana de Jornalismo Unesp 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GeeAoAskTc> Consultado em 02 de abril de 2013



explica a importância dessas discontinuidades e ruptura para entender em amplitude o fenômeno atual de mudanças no mundo pós-moderno (HALL, 2000).

Hall termina por romper com a perspectiva nomeada “essencialista”, herança da influência iluminista que previa caber ao sujeito uma espécie de *self* nuclear - uma interioridade cristalinizada e fixa. A partir daí, o teórico menciona optar pela concepção múltipla de identidade, com suas nuances contraditórias, e para isso cita alguns elementos que, em sua maneira de interpretar, promoveram o deslocamento das premissas do sujeito moderno por meio de rupturas – a problematização da “tomada de consciência” ideológica por Althusser; o inconsciente freudiano; análise dos “corpos dóceis” de Foucault e sua individualização do poder, para citar alguns.

Ancoremos nossa análise, primeiramente, com foco nas identidades múltiplas. Kathryn Woodward apresenta importantes contribuições a partir da multiplicidade de posições a que os indivíduos são interpelados: “Existe, em suma, na vida moderna, uma diversidade de posições que nos estão disponíveis – posições que podemos ocupar ou não” (WOODWARD, 2000, p. 31). Com aparente preocupação conceitual, a autora prossegue propondo uma perspectiva que visualiza a identidade como narrativa construída e imposta. Trata-se, em última instância, de uma constituição histórica avessa à ideia “essencialista”, cujas dimensões simbólicas, sociais e psíquicas sobressaem como fatores envolvidos.

Ainda dentro desta concepção que distingue o aspecto identitário como uma construção discursiva, sujeita momentos históricos e sócio-materiais, Woodward demonstra como a noção do *outro*, do *diferente*, toma sentido quando compreende-se essa necessidade relacional. A identidade, assim, é marcada pela diferença, pelo exclusão, e adquire sentido justamente por meio de símbolos na linguagem. Em outras palavras, “construir o outro” ajuda-nos a dizer quem somos.

Essa convocação toma lugar em posições de sujeito – nos tantos discursos interpelativos que ofertam modelos de identificação que se relacionam –, nesse espaço propício de negociação de valores, não-naturalizado e tampouco obrigatoriamente coerente. Os discursos são muitas vezes arbitrários, fragmentados, cujas narrativas alimentam possibilidades de exclusão e de classificação. A dimensão social inserida aí tem importância capital, uma vez que explica a maneira com as pessoas experimentam, vivem e consomem o mundo (essas narrativas); encontramos aqui o impacto material dessa orientação prática das relações sociais.

No contexto da comunicação, podemos pensar essas características simbólicas sociais e psíquicas à medida em que damos conta dessa multiplicidade de modelos de identificação capazes de orientar e dar sentido, sendo que produzidas e discursadas diariamente por intermédio de narrativas midiáticas. Daí o papel do jornalista e do ambiente dos veículos como promotores e criadores dessa complexa gama de posições de sujeito e também veiculadores de imagens do *diferente*. Citemos um exemplo: ao retratar o cidadão chinês, o repórter apresenta justamente o *outro*, em outras palavras, o não-brasileiro.

Para entender esse processo de construção narrativa do *outro* no ambiente midiático, as referências de John Thompson poderão ajudar. Mas antes, ainda falando de “discursos que criam sujeitos”, podemos lançar mão de elementos da teoria discursiva de Michel Foucault, que a princípio destoam de maneira diametralmente oposta às proposições de Thompson. O aporte foucaultiano, contudo, permite compreender como os textos culturais moldam o sujeito. A identidade, para ele, é pensada como uma forma de exercício de poder, uma imposição. “Ele [o exercício de poder] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos [...], uma ação sobre ações” (FOUCAULT, 1995, p. 243). Dentro de um nível de possibilidade bastante restrito – aquelas que foram oferecidas – a identidade não seria mais um modelo de identificação perante o qual o indivíduo, com autonomia crítica, incorporaria a sua conduta; antes disso, pois para Foucault essa construção estrutura o indivíduo e essa interação acaba por representar uma imposição inibidora.

Lembrar Foucault não é uma escolha fortuita ou imprópria em face ao interacionismo simbólico que também dará sua contribuição à frente. Acontece que compreender o poder como ações sobre ações situa os meios de comunicação como ferramentas potenciais para esse exercício. O tal “quarto poder” ganha nova conotação, menos conspiratória, mas palpável e igualmente politizada ao pensarmos o espaço midiático como um campo de discursos que persuadem e que podem orientar automaticamente o indivíduo, de maneira a subtrair sua autonomia.

Parece-nos, entretanto, que a visão interacionista defendida por Thompson explica um outro fenômeno que, neste artigo, sugere-se que aconteça com regular concomitância à imposição discursiva insinuada por Foucault. Trata-se da apropriação do conteúdo simbólico mediático de maneira reflexiva e ativa pelos indivíduos. A teoria anteriormente citada e seu organograma embaralhado de poder, cá e acolá, abaixo e



acima, não permitiria esta acepção autônoma. A modelagem do sujeito pelo sociólogo inglês, por sua vez, passa categoricamente pela pessoa, pelo ser que ordena, seleciona, cria e inclusive forja ferramentas de filtragem (THOMPSON, 2002). Neste trabalho acredita-se que as duas visões não estão de tal maneira anulando-se uma a outra por uma razão: o processo de apropriação do manancial simbólico pelo extrato social e, mais especificamente pelo indivíduo de maneira singular, diante de sua complexidade de elementos simbólicos, sociais e psíquicos não permite uma teorização científica plausível e inquestionável, capaz de explicar de forma conclusiva este fenômeno. Parece perfeitamente aceitável que esse imbróglia turvo recheado de relações de poder, construções narrativas e apropriação reflexiva do material midiático se dê de modo concomitante, numa hibridização entre a *autobiografia narrativa* e a imposição passiva.

Ao abrir novas formas de conhecimento não local e outros tipos de material simbólico mediado, o desenvolvimento da mídia enriqueceu e acentuou a organização no sentido de que, quando os indivíduos têm acesso a formas mediadas de comunicação, eles se tornam capazes de usar um extenso leque de recursos simbólicos para construir o *self* (THOMPSON, 2002, p. 270)

A questão do posicionamento estratégico dos conteúdos simbólicos promovidos e criados pela mídia na construção de um modelo reflexivo de *self* – de si mesmo, mas também do *outro* –, não é o foco de análise aqui, embora deixe entreaberta uma porta importante. A mídia – e aqui especificamente o jornalismo – constrói narrativas simbólicas que, apropriadas de maneira ativa (Thompson) ou mesmo não autônoma (Foucault) pelos indivíduos, cria um outro conteúdo que, por sua vez, é múltiplo (Woodward) motivado por um conjunto de fatores. A linha editorial do veículo, a linguagem e o arcabouço de experiência e conhecimentos do repórter parecem ser alguns deles (BELTRAO, 1980).

Incorporá-lo ao projeto pessoal, como se viu, é uma escolha do indivíduo. A grande questão, todavia, é essa mística em torno do *outro*, mencionada anteriormente. Essa alteridade, de relacionar-se para descobrir-se, de se fazer a partir do contato com o alheio, é a contribuição mais importante a ser entendida neste artigo. Hall (1992) revela esta nova realidade da construção de sujeito, ao analisar o percurso entre o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Esse último, que é o da atualidade, segundo ele, não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. A velocidade como as sociedades modernas se mostram afeitas à mudança constante e rápida impede o indivíduo de garantir uma única e estável identidade. Nesse contexto, é nas relações de alteridade que ele se constrói, a partir da lógica da diferença, ressaltada acima por Woodward, do ser a partir do que o outro não é; ou não ser o que o outro é. A

produção midiática é uma fonte abastecedora para essa contínuo (re)fazer-se diante do *outro*.

Passemos a dois estudo de caso para compreender como essa conceituação tem sua validade na prática jornalística, notadamente na materialização da cidade italiana de Turim como cidade iluminada e atrativa, e da cópia da insegurança no Brasil feita em comparação ao Oriente Médio.

3. Turim iluminada, Jornal Nacional

Ilze Scamparini possui uma carreira jornalística que envolve coberturas de eventos de magnitude nacional, como a cobertura da agonia de Tancredo Neves e a promulgação da nova Constituição brasileira. Trabalhou como repórter para o *Jornal Nacional*, o *Jornal da Globo* e o *Jornal Hoje*. Seu primeiro cargo como correspondente viria em 1996, depois de dez anos junto ao *Globo Repórter*, desta vez em Los Angeles, EUA. Em 1999, foi transferida para Roma onde envia matérias relacionadas à política, cultura e comportamento. Nesta matéria, após a “cabeça” – termo do jargão jornalístico que designa a introdução proferida pelo apresentador do jornal antes da entrada do repórter –, feita por William Bonner, ela entra em cena para falar do aspecto de Turim no Natal.

Uma Turim barroca e *art nouveau*, mais colorida do que antes. O frio gelado do norte da Itália é aquecido por luzes de autores. Interpretações livres e impactantes dos espaços de uma cidade, feitas por 20 artistas de fama internacional. Luzes que dão uma nova magia ao Natal desta cidade de quase um milhão de habitantes, que foi a primeira capital da Itália, depois da unificação, no século XIX. Além de sede da indústria automobilística do país, Turim tornou-se também a capital italiana da arte contemporânea. As ondas eletromagnéticas são capazes de produzir emoção, como o menino correndo, ou o planetário que traz as estrelas para bem mais perto. Corpos luminosos se unem, criando um efeito de alegria [...].⁵

A maneira como os discursos produzidos na mídia dialogam com a alteridade acontece de maneira sutil, muitas vezes. É o que acontece nesta reportagem, em que por meio da descrição do ambiente iluminado e “com efeitos de alegria”, pode-se como a cidade de Turim é elevada ao status de “capital italiana da arte contemporânea”. A matéria valoriza o uso de adjetivos e de imagens que atestem o aspecto que diferencia, que peculiariza o *outro*. Esse outro, diga-se de passagem, possui suas afinidades com a questão da cultura nacional, ao se tratar de uma narração de parte da Itália para o

⁵ Cidade italiana de Turim usa luz para fazer arte. Postado em 22 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/cidade-italiana-de-turim-usa-luz-para-fazer-arte.html>



brasileiro. E ainda nesta exploração de constructo discursivo, a cultura nacional apresenta-se como fonte de significado. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade” (HALL, 2006, p. 61-62). Esse conteúdo permite entender ainda mais a fundo a questão do jogo entre produção simbólica e apropriação pelo indivíduo enquanto construção narrativa.

A jornalista deixa transparecer também o quesito da interpretação em perspectiva, mencionada acima como um dos elementos cabíveis ao correspondente para alcançar uma legitimidade aceitável naquilo que produz. Ela lembra que Turim foi a primeira capital da Itália pós-unificação e que, hoje, é referência em matéria de produção automobilística e arte. No fim de sua matéria relembra a atual conjuntura de crise econômica para fechar o panorama em meio às luzes que iluminam aquele natal.

4. Brasil e Oriente Médio, Folha de S. Paulo *on-line*

Marcelo Ninio foi correspondente da *Folha de S.Paulo* em Jerusalém durante aproximadamente três anos e meio. Desta cidade estratégica, ele pode cobrir eventos marcantes naquela região, especialmente as ondas de revoltas da Primavera Árabe – a começar pela Tunísia, passando pela Líbia de Muammar Gaddafi até a Síria de Bashar Assad – e também a discussão do reconhecimento do Estado palestino independente durante a Assembleia Geral da ONU.

Mesmo tendo vivenciado situações de extrema periculosidade e violência – como ele mesmo retrata em um de seus *posts* (“Do oriente médio ao extremo oriente”) no blog que assina como correspondente pela *Folha* – em relato intitulado “O Brasil é mais violento que o Oriente Médio” ele utiliza de comparações entre os dois ambientes para sentenciar, em uma de suas últimas participações como jornalista correspondente naquele local, que há mais segurança em viver do lado oriental.

A violência no Brasil, persistente e indomável, é assustadora até para quem vive em áreas de guerra declarada. A quantidade de mortes violentas [no Brasil] é comparável ou maior que em regiões de conflito [...]. Já fui a quase todas as capitais do Oriente Médio e nunca senti a insegurança das grandes cidades brasileiras. No Rio, onde todos me dizem que a situação melhorou, peguei um táxi na zona sul e o motorista não tinha troco para uma nota de R\$ 50. [...] bem que eu gostaria de poder abrir a janela do carro quando estou no Rio ou em São Paulo (NINIO, *Site da Folha de S.Paulo*, 2013).

O texto de Ninio evidencia a questão da insegurança no Brasil em comparação com o Oriente. Ele utiliza a primeira pessoa para atestar que o posicionamento é mesmo dele, em contrapartida, usa números para comprovar que “o descalabro brasileiro supera

em vítimas os piores conflitos do mundo”. Ele cita os “bandidos fazendo cavalo de pau na madrugada de Brasília” e “assalto, arrastão, sequestro, homicídio”. Não utiliza imagens, mas deixa sobressair a presença de outras fontes, como Eliane Catanhêde e Clovis Rossi.

Podemos dizer que o jornalista fomenta a criação de um “Brasil tão violento quanto uma zona de conflito armado”. Essa narrativa aclarada por ele tem seu aporte na interrelação que faz com o Oriente Médio, nos números e nas declarações subtraídas e expostas em seu *post*. Diferentemente de Ilze Scamparini, Ninio demonstra falar em primeira pessoa e inclusive utiliza esse argumento exaustivamente usado na imprensa há anos, o de testemunha ocular da história. A identidade forjada nesta matéria e discursada se apoia na tradução que é feita de códigos próprios do Oriente para a realidade brasileira, em que releva a relação à diferença com o “outro”, de que fala Woodward (2000). A relação de alteridade se mostra clara, à medida em que relaciona as duas nações no sentido de enfatizar o clima de violência que ronda o Brasil. Ao mostrar o *outro*, respaldados pelos anos de convivência e trabalho por lá, e traduzi-lo comparando com seu país, Ninio promove a questão da diferença e cria elementos para designar o Brasil e o Oriente.

Considerações finais

A despeito das limitações sistêmicas existentes no trabalho do correspondente no sentido de produzir relatos aceitáveis à audiência em relação ao que ele retrata, e também diante de uma crise sintomática devido a modelos falidos de financiamento da prática calcados na publicidade, esses profissionais continuam requisitados no mercado à medida em que traduzem a cultura do país em questão, interpretando-a à luz de perspectiva histórica. “Exatamente porque o cidadão recebe uma quantidade brutal de informações, maior do que nunca na história, numa balbúrdia comunicacional, é essencial que ele possa ter fontes de credibilidade, em que confie, que as organizem de maneira racional (SILVA, 2012, p.150).

Podemos perceber que o material simbólico veiculado nos exemplos supracitados – e outros presentes na mídia –, ainda que valendo-se de imagens factuais, fontes e números, possui um “projeto” meticuloso e ambientado no conjunto de relação de poder e níveis conflituos para construir uma mensagem particular. Essa mensagem, percebemos que necessita ser traduzida pelo correspondente porque, enredada em condições muitas vezes adversas ao saber do receptor cotidiano, necessita de



decodificação. Essa mensagem, importante ressaltar, se manifesta em forma de narrativas e discursos que podem ou não ser apropriadas de maneira ativa pelo indivíduo, neste processo turvo e motivado inclusive por elementos do inconsciente humano.

O jornalismo se apresenta como uma ferramenta tecnológica, um produto construído para construir, que supera barreira geográfica e simbólicas para manter, criar ou promover a diferença, a existência do *outro* em relação ao *eu*, ao *tu* e ao nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Gustavo G.; RABACA, Carlos Alberto. **Dicionário de Comunicação: nova edição** revisada e atualizada. 5. ed. São Paulo: Campus, 2002.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinitivo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 1995.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Trad.: Tadeu Tomaz da Silva e Guacira Lopes Lauro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. Sao Paulo: Contexto, 2004.

NINIO, Marcelo. O Brasil é mais violento que o Oriente Médio. **Site da Folha de S.Paulo**. Disponível em: < <http://marceloninio.blogfolha.uol.com.br/2012/10/30/o-brasil-e-mais-violento-que-o-orientes-medio/>>. Acessado em: 11 de abril de 2013.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Correspondente Internacional**. Sao Paulo: Contexto, 2011.

THOMPSON, John B. O self como projeto simbólico. In: **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Videos consultados:

Entrevista com Marcelo Torres – Semana de Jornalismo Unesp 2011. Postado em abril de 2012. Consultado em 02 de abril de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=GeeAoAskgTc>

Correspondentes internacionais falam da sua rotina no trabalho. Postado em julho de 2012. Consultado em 03 de abril de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/globo-news/clube-dos-correspondentes/videos/t/videos/v/correspondentes-internacionais-falam-da-sua-rotina-no-trabalho/2065616/>

Cidade italiana de Turim usa luz para fazer arte. Postado em 22 de dezembro de 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/cidade-italiana-de-turim-usa-luz-para-fazer-arte.html>